

CURSO DE PEDAGOGIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UnB

EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA

SOLIDÁRIA:

Experiências na comunidade Sol Nascente

DANIELLE CARVALHO DE MIRANDA RODRIGUES

ORIENTADORA: SONIA MARISE SALLES CARVALHO

BRASÍLIA/2014

DANIELLE CARVALHO DE MIRANDA RODRIGUES

**EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA
SOLIDÁRIA:
Experiências na comunidade Sol Nascente**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação – UNB como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Marise Salles Carvalho

BRASÍLIA/2014

TERMO DE APROVAÇÃO

DANIELLE CARVALHO DE MIRANDA RODRIGUES

EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA

SOLIDÁRIA:

Experiências na comunidade Sol Nascente

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Graduada em Pedagogia – FE/UnB. Apresentação ocorrida em ____/____/2014. Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Sonia Marise Salles Carvalho (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Examinadora)

Prof. Dr. Remi Castioni (Examinador)

BRASÍLIA/2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha fonte inesgotável de inspiração, Alice.
E ao Rafael que sempre acreditou em mim e nunca desistiu dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, por ter sido uma base sólida e indivisível.

A minha professora orientadora, Sonia Marise que me instruiu com toda sabedoria e dedicação na realização deste trabalho.

Agradeço também aos professores que fizeram parte da minha banca examinadora, professora Teresa Cristina e professor Remi Castioni que me orientaram na busca por melhores resultados.

Por fim, agradeço a todos aqueles que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e ajudando a construir essa história.

“Agradeço por poder escolher
e ofereço cada linha traçada, mas
ainda há muito trabalho a fazer
porque sucesso é caminhada
e não a linha de chegada”.

(Kamau - Equilíbrio)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os principais elementos que constituem uma Economia Solidária, cooperação, solidariedade, autogestão e viabilidade econômica, bem como discorrer sobre seus aspectos sociais, políticos e econômicos, e como estes se relacionam com a educação e o trabalho. O referencial bibliográfico é formado por obras de autores relacionados aos referidos temas, como Moacir Gadotti (2009), Paul Singer (2002), Paulo Freire (1967), Karl Marx entre outros. O trabalho constitui parte da pesquisa junto ao projeto de Economia Solidária e Educação Popular da Faculdade de Educação e tem como principal objetivo oferecer uma formação de politização e oficina de corte e costura para as mulheres da comunidade Sol Nascente através do grupo de trabalho (GT). O método de pesquisa utilizado foi o da pesquisa-ação e teve como principais instrumentos as visitas de campo, observação participativa e uma entrevista com dez mulheres, de faixa etária entre 35 e 56 anos, que trabalham no projeto. Por meio desta pesquisa foi possível perceber a interação da teoria e da prática na construção de uma educação para o mundo do trabalho, através das experiências vividas em uma economia solidária.

Palavras-chave: Educação, Trabalho, Economia Solidária.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
 PARTE I – MEMORIAL ACADÊMICO	
MEMORIAL.....	11
 PARTE II – EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERSPECTIVA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE SOL NASCENTE	
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	17
1.1. A EDUCAÇÃO A PARTIR DE SUAS INTERAÇÕES COM O TRABALHO.....	17
1.2. ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO.....	20
1.3. EDUCAR PARA COOPERAR: A PEDAGOGIA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	23
1.5 A AUTOGESTÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE	26
 CAPÍTULO 2	29
2.1. PROPOSTA PEDAGÓGICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO: O QUE SÃO OS PROJETOS.....	29
2.1. CONTEXTO DO PROJETO NA COMUNIDADE SOL NASCENTE	29
2.2 RELATO DAS VISITAS DE CAMPO	30
2.3 MULHERES DO SOL: RELATO DAS MULHERES DO GRUPO DE TRABALHO DE CORTE E COSTURA NA COMUNIDADE SOL NASCENTE	32
2.4 ANÁLISE DAS AÇÕES DE CAMPO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
 PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	37

REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE.....	39
ANEXOS.....	45

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a prática das principais características que compõem uma economia solidária, bem como verificar como se relacionam com a práxis pedagógica a partir das experiências vividas no grupo de trabalho da comunidade Sol Nascente.

Entendendo a educação como mediação dos processos de ensino-aprendizagem e considerando sua importância nas relações sociais, fez-se necessária uma reflexão da relação da educação com o mundo do trabalho. A partir da perspectiva da economia solidária, uma economia baseada essencialmente na valorização do ser humano, é que surgiu o projeto de pesquisa para realização deste trabalho.

Está estruturado em três partes: memorial (parte I), monografia (parte II) e perspectivas profissionais (parte III).

A primeira parte refere-se ao memorial acadêmico, no qual é feita uma descrição da trajetória escolar até o acesso à universidade, elencando os principais caminhos percorridos pela autora. Nessa parte serão apresentadas as principais motivações e experiência que levaram a escolha do tema deste trabalho.

A segunda parte é destinada a trabalhar o referencial teórico e esta dividida em dois capítulos, que nortearão as discussões relacionadas à pesquisa.

O primeiro capítulo fala sobre a interação entre a educação e o trabalho sob o olhar de uma economia solidária, demonstrando suas principais confluências e particularidades.

O segundo capítulo apresenta o contexto do projeto e de seus participantes, a metodologia e os instrumentos utilizados, os procedimentos realizados, assim como o relato das visitas de campo, experiências, entrevista e análise das ações de campo.

Culmina nas considerações finais, analisando o que foi alcançados entre seus objetivos.

A terceira parte traz as perspectivas profissionais da autora, com uma reflexão sobre seus planos e projetos para o futuro profissional.

PARTE I
MEMORIAL ACADÊMICO

MEMORIAL

Quando me perguntam o motivo de ter escolhido este tema para elaboração do meu trabalho de conclusão de curso eu costumo responder dizendo que não fui eu quem o escolhi, mas ele quem me escolheu. Acontece que minha vida é marcada por muitas coincidências. Alguns chamam de destino, outros associam a acontecimentos divinos e premeditados, mas eu costumo dizer que o meu presente é a única certeza que tenho diante do passado e em busca da idealização do futuro. Coincidência ou não, nasci na UnB, mais precisamente no HUB – é claro.

Apesar de ter nascido em Brasília cresci em Sobradinho, onde vivo até hoje.

Eu não tive uma referência paterna em casa, meu pai se separou da minha mãe, Maria, quando eu tinha seis meses de vida e desde então nunca mais retornou ou ofereceu qualquer auxílio. Dois anos depois minha mãe tentou alguma reconciliação, mas assim que ela contou que estava grávida pela segunda vez meu pai encontrou algum motivo para não ficarem juntos e partiu, sem qualquer intenção de voltar.

Independente disso, Maria sempre foi uma base forte e referência dentro de casa e apesar de todas as dificuldades sempre fez o possível para conseguir nos amparar.

Morei com minha mãe, minha avó e meu avô maternos (os paternos não conheço assim como o pai) e meu irmão até meus oito anos de idade. Lembro-me de que minha bisavó morava na mesma rua, mas depois de um tempo ela ficou muito debilitada por conta da idade avançada – 93 anos – e veio morar conosco.

Essa foi uma época muito tumultuada para mim. Pouco tempo depois de vir morar conosco minha bisavó faleceu e esse foi o meu primeiro contato com a morte de alguém tão próximo o que me deixou completamente arrasada e com muitas dúvidas, afinal, ainda era uma criança. Neste mesmo ano meu avô resolveu se separar da minha avó e foi morar em Planaltina – GO. A aposentadoria dele como mestre de obras era uma das principais fontes de renda em casa e com sua saída as coisas começaram a ficar bem difíceis. No entanto, minha mãe nunca desistiu. Sempre deu a mim e ao meu irmão tudo que estivesse ao seu alcance e nos educou da melhor maneira possível.

Eu fui alfabetizada em casa, por minha avó, Claudizia, que apesar de não ter concluído a educação básica sempre teve uma enorme vocação para ensinar.

Cheguei à escola aos seis anos de idade, matriculada na antiga pré-escola, hoje chamada de 1º ano. Estudei em escola pública até meus oito anos quando fui transferida para um colégio particular da região, onde estudei até completar o ensino médio.

O interessante nisso tudo é que nessa época enfrentávamos muitos problemas financeiros em casa, mas independente disso minha mãe fazia todo o sacrifício do mundo para oferecer a mim e ao meu irmão o que ela julgava “a melhor educação”.

O interesse por aprender parecia natural. Desde pequena auxiliava os colegas em sala e sempre tive uma enorme capacidade para me comunicar, que chegou a ser confundida muitas vezes com inquietação e mau comportamento em sala de aula.

No entanto, meu histórico manteve-se muito bom até o Ensino Médio. Essa foi mais uma época marcada por muitas turbulências em minha vida. Cheguei a repetir o 1º ano do ensino médio e depois disso me desinteressei muito pela escola e estudava simplesmente para conseguir a média anual. Uma das poucas coisas que ainda me despertava interesse era literatura, disciplina com a qual me identificava muito. Sempre gostei de escrever. Escrevia poemas, poesias, crônicas, contos, enfim, minha relação com a escrita era de muita intimidade. Isso gerou uma ótima relação com meus professores desta área e eu recebia um incentivo muito grande por parte deles para que continuasse a escrever.

Particpei de recitais, sarau, apresentações, se era algo que envolvesse literatura eu estava no meio. Cheguei a ser premiada três vezes e isso gerava um ânimo a mais para que continuasse a estudar. No terceiro ano do ensino médio eu não tinha praticamente nenhum interesse pelo vestibular. Como eu me sentia desmotivada desde o começo do Ensino Médio e via a escola apenas como uma obrigação a cumprir não criei expectativas em relação ao Ensino Superior. Acontece que um belo dia meu professor de história resolveu que aplicaria uma redação como método de avaliação, o que deixou muitos na turma preocupados. A mim, a preocupação foi somente quanto ao tema porque escrever já fazia parte do meu dia a dia. O resultado não poderia ser diferente, tirei uma ótima nota, fui ovacionada pelos colegas de turma e meu professor me pediu insistentemente para que eu me inscrevesse no vestibular. Foi aí que eu parei para

pensar um pouco mais sobre isso e resolvi tentar; fiz minha inscrição, mas na hora da escolha do curso a dúvida foi eminente.

Eu nunca havia participado de um processo de orientação vocacional. Os poucos que a escola oferecia eram aqueles métodos horrendos de marcar xis e analisar as respostas. Eu decidi pesquisar e como já tinha aptidão para literatura coloquei no campo de pesquisa “cursos de ciências humanas da Universidade de Brasília” e entre os vários endereços que surgiram estava o da Faculdade de Educação que me chamou bastante atenção. Ao ler sobre o curso me identifiquei muito. Vi ali uma oportunidade de recuperar o incentivo que havia perdido há três anos e decidi que faria Pedagogia.

Então, em agosto de 2009 eu recebi a notícia de que havia sido aprovada.

A festa em casa foi geral. Familiares, amigos, vizinhos, todos queriam participar da comemoração e saber como eu me sentia naquele momento. E o que mais me emocionou foram as palavras da minha avó, as quais não me esqueço, “eu finalmente poderei ver alguém da minha família com curso superior”. Fiz a matrícula ainda no ensino médio, pois na época a UnB ainda aceitava a prova de aptidão como forma de adiantamento de estudos. O curso me abriu muitas portas, não só em relação ao conhecimento teórico como também nas experiências vividas. Um ambiente totalmente novo, diferente de tudo o que eu poderia imaginar até então. O simples fato de sair de casa e pegar um ônibus que cruzasse a cidade já era uma grande mudança. A turma que começou comigo continuou quase toda até o fim do curso e até hoje mantenho contato com muitos deles.

No início do meu quarto semestre comecei a namorar, mas sempre soube compensar minha vida social com a vida acadêmica. Nessa época eu viajava muito para São Paulo, a trabalho, e foi lá que conheci o meu namorado. Entre tantas idas e vindas, reencontros e despedidas eu recebi a maior notícia da minha vida: Eu seria mãe.

A gravidez não planejada nunca foi empecilho para que eu continuasse no curso de pedagogia. Meu futuro marido viria pra Brasília no final do ano, pouco antes do nascimento do bebê. Dia 02 de Março, oito dias antes do meu aniversário de 21 anos eu recebi o maior presente da minha vida: Alice. A partir daquele momento eu deveria aprender a amar, ainda mais, toda oportunidade de adquirir conhecimento. Minha filha é simplesmente tudo em minha vida e eu sempre fiz o possível para cumprir com minhas

obrigações na universidade e meus deveres como mãe. É fundamental estar ao lado da criança nas primeiras fases do seu desenvolvimento e eu sempre me fiz presente, mesmo nos momentos mais difíceis. Hoje, sinto orgulho de tudo o que vivi até aqui.

Agradeço a todos que fizeram parte dessa história e que sempre souberem de todas as dificuldades que eu consegui enfrentar com força e cabeça erguida. Meus maiores amores são a Alice e todo o meu trabalho vivenciado no curso de pedagogia.

Confrontando toda minha trajetória de vida com o tema abordado neste trabalho, pude perceber a importância da relação entre os saberes vividos e aqueles trabalhados em sala de aula. Quando nos tornamos sensíveis à história do outro percebemos o quanto somos capazes de construir nossa história e conseguimos conquistar uma experiência verdadeiramente solidária.

INTRODUÇÃO

A Economia Solidária é uma forma alternativa de produzir, trocar, vender e comprar e de se relacionar com os outros através de práticas sociais.

Não existem empregados ou patrões, todos e todas assumem as responsabilidades pelo bem estar próprio e o dos outros. É uma economia centrada nos princípios da solidariedade, cooperação, promoção da dignidade humana, autogestão, valorização do trabalho e da preservação dos recursos naturais. Trata-se de um projeto multicultural que respeita diferenças individuais e que abarca várias práticas econômicas distintas.

É no pensamento solidário, da sensibilidade e valorização do saber do outro que acontece a verdadeira prática pedagógica. A formação para a cooperação, onde todos e todas consigam se identificar como sujeitos construtores da sua própria história. Como diz Paulo Freire, “O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber.” (FREIRE, 1967).

Considerando que os princípios de solidariedade e cooperação só são possíveis quando nos relacionamos socialmente, surge a necessidade de analisar a educação como formadora destes princípios, através da valorização dos saberes do outro, seus talentos, diferenças, cultura e sua interação com o mundo do trabalho.

Com o intuito de analisar a relação entre Educação e Trabalho em um ambiente de Economia Solidária foi realizada uma pesquisa a partir do método de pesquisa-ação que tem como objetivo identificar uma série de acontecimentos que ocorrem em um determinado tempo e lugar, buscando compreender os processos que se estabelecem nesse espaço, bem como seus participantes, a fim de refletir sobre possíveis soluções nas ações realizadas, e é assim definida por David Tripp (2005) como “uma forma de investiga-ação que utilize técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”.

Foram feitas observações participativas através das visitas de campo, entrevista, relato de experiências e análise das ações de campo.

Desse modo, a elaboração da pesquisa é constituída das seguintes etapas: registro de dados, relatório da pesquisa e planejamento de ações a partir do método participativo. A participação é fundamental neste processo como Tripp aponta:

A pesquisa-ação funciona melhor com cooperação e colaboração porque os efeitos da prática de um indivíduo sobre uma organização jamais se limitam àquele indivíduo. (...) Isso quer dizer que não se trata de envolver ou não outras pessoas, mas sim do modo como elas são envolvidas e como elas podem participar melhor do processo. (TRIPP, 2005, p.454)

Posteriormente fez-se necessária a realização de uma entrevista estruturada individual com dez mulheres do GT de Sol Nascente, que segundo Gil (2010) é uma forma de diálogo assimétrico no qual o investigador apresenta ao entrevistado perguntas com o objetivo de obter dados que interessam a sua pesquisa, sendo estruturada a partir de perguntas fixas e invariáveis partindo de questões genéricas para questões mais detalhadas.

A abordagem utilizada foi a qualitativa, a qual se baseia no contato direto e prolongado com o campo de estudo e parte da interpretação e consideração do pesquisador como principal instrumento de investigação.

O método qualitativo é útil e necessário para identificar e explorar os significados dos fenômenos estudados e as interações que estabelecem, assim possibilitando estimular o desenvolvimento de novas compreensões sobre a variedade e a profundidade dos fenômenos sociais”. (BARTUNEK; SEO, 2002).

Foram tomadas todas as medidas éticas necessárias na realização desta pesquisa, tais como garantir o sigilo de identidade das participantes da entrevista e o consentimento quanto a participação na pesquisa.

PARTE II

EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERSPECTIVA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE SOL NASCENTE

CAPÍTULO 1

1.1. A EDUCAÇÃO A PARTIR DE SUAS INTERAÇÕES COM O TRABALHO

O seguinte capítulo procura trabalhar a interação entre a educação e o mundo do trabalho. Para tornar ainda mais claro o entendimento sobre este tema foi trabalhado o conceito da transversalidade como meio de criação para uma prática pedagógica verdadeiramente solidária.

Em educação, a **transversalidade** está relacionada com a busca por pontos em comum entre os conhecimentos teóricos e aqueles que são vivenciados. Neste sentido, a escola deve ter um olhar mais amplo, acabando com a fragmentação do conhecimento; somente assim se tornará uma cultura da interdisciplinaridade. Quando falamos em conhecimento transversal e interdisciplinar devemos nos orientar pelos processos de vivência do sujeito, das comunidades, dos educandos e educadores através de sua história de vida. É bom entender que além de aproveitar os saberes teóricos, a única possibilidade que temos de nos manter unidos em nossas experiências de vida é a solidariedade.

Segundo o autor Edgar Morin viver é sentir intensamente o amor, a alegria, a comunhão, a dança e o mundo. Compreender a diversidade para conhecer o outro é algo garantido através da solidariedade. A educação deve criar oportunidades para produção do conhecimento, pela valorização dos saberes e não uma simples transmissão de conteúdos.

Nesse contexto surge a necessidade de uma nova proposta curricular e pedagógica. É aí que percebemos o princípio da transversalidade – bem como a transdisciplinaridade – em inovar as metodologias de ensino.

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito “aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de

qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imprevistos é a unidade do conhecimento”. (NICOLESCU, 199, p.11).

Desse modo, a escola deve oferecer uma educação da vida e da compreensão humana que trabalhe com as diversas áreas de saber, filosofia, história, psicologia, literatura, permitindo “uma iniciação de lucidez ao incorporar o erro, a crítica, a autocrítica como parte da aprendizagem”. (GOMEZ, 2009, p.4).

Assim, o transdisciplinar é entendido como “esquemas cognitivos que atravessam as disciplinas, às vezes, com tal virulência que as coloca em transe [...] são as redes complexas de inter, poli e transdisciplinaridade que operam e desempenham um papel fecundo na história das ciências”. (MORIN, 1999, p.36).

O trabalho realizado com os GT's da comunidade Sol Nascente só conseguiu se desenvolver a partir da prática da valorização dos saberes de cada ente. Isso nos permitiu vivenciar, verdadeiramente, uma Economia Solidária. É podemos construir uma educação para o mundo do trabalho.

Quando falamos em Educação e Trabalho surgem muitas divergências sobre o assunto. Na sociedade em que vivemos, a educação é vista como preparação para o mercado de trabalho. É a formação que garantirá uma melhor posição social e sem ela o que nos resta é a falta de estrutura e a frustração. Mas será que o trabalho é simplesmente calcar degraus através da luta de classes?

Segundo Karl Marx, “O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas [...]”. (MARX, 1985a, p.153).

Assim, é possível enxergar o ideal que tomamos sobre o trabalho como uma atividade inerente a natureza do homem, quando na verdade é algo que simplesmente desempenha a satisfação de outras necessidades, estas sim, naturais do ser humano, como comer, beber, vestir, morar, manter a saúde, entre tantas outras. O trabalho aqui não se torna um objetivo, mas uma condenação. E como a educação interfere nesse processo? Afinal, existe uma pedagogia no discurso de Marx? Existe. Está em diversos momentos onde Marx fala de sua filosofia através de uma perspectiva pedagógica.

Em busca de um melhor entendimento sobre o tema foi utilizado como referencial teórico a obra de Mário Manacorda (1991) “Marx e a Pedagogia Moderna”.

Para esclarecer o pensamento marxista sobre o ensino, Manacorda parte da análise filológica dos primeiros textos de Marx e Engels. O autor elenca três momentos em que a educação se relaciona ao ativismo operário da dupla:

1º momento: Surge por ocasião da criação do Partido comunista e contribuirá para a revolução de 1848. É composto por dois documentos, ‘Princípios’ (1847) e o ‘Manifesto’ (1848).

2º momento: Passadas quase duas décadas após as primeiras anunciações educativas, entre 1866-67, Marx fortificará suas ponderações com a criação da I Associação internacional de trabalhadores, em 1864. Em Londres Marx apresenta as ‘Instruções’ (1866) para a ocasião do primeiro congresso da associação, texto que subsidiara o lançamento em 1867 do livro 1 de ‘O Capital, o estudo que mais trata da educação em suas obras.

Por fim, o 3º momento: fala do trato educacional em Marx que ocorreu em 1875 com a elaboração do texto ‘Da crítica ao Programa de Gotha’, documento em resposta a algumas anunciações para o campo escolar contidas na proposta de criação do I partido operário unitário alemão.

No primeiro momento Manacorda mostra a tese de Marx sobre o ensino industrial, uma reflexão sobre o trabalho como forma de individualizar o saber.

“Outra proposta preferida pelos burgueses é o ensino, em especial o ensino industrial [industrielle] universal... O verdadeiro significado que o ensino recebeu entre os economistas filantrópicos é este: treinar cada operário no maior número possível de ramos de trabalho, de modo que, se por introdução de novas máquinas ou por mudanças na divisão de trabalho, ele vier a ser expulso de um ofício, possa mais facilmente achar colocação em outro”. (cf. Marx; Engels, 1959b, p.545)

A partir daí, Marx formula a definição do ensino segundo os *Princípios* de Engels (1847), na relação de medidas imediatas que deverão ser tomadas pelo proletariado ao conquistar uma democracia plena.

“Ensino público e gratuito a todas as crianças. Abolição do trabalho das crianças nas fábricas em sua forma atual. Unificação do ensino como produção material [mit der materiellen Produktion]”. (Marx; Engels, 1948b apud MANACORDA, 1991, p.40)

O que chama atenção no texto de Marx é a questão da abolição da atual forma de trabalho das crianças nas fábricas. Para o autor, a fábrica não deve ser um sistema que elimina a divisão do trabalho, mas antes disso, uma intervenção política que conseguirá abolir o pensamento alienador e desenvolver, em seu lugar, uma função libertadora.

É diante desse aspecto que surge o tema da divisão do trabalho como degradação do homem. Uma manifestação que aponta a divisão do trabalho como formadora da unilateralidade que inibe a capacidade do sujeito de ser considerado em sua individualidade. Assim, se faz necessária “a apropriação por parte do indivíduo de uma totalidade de forças produtivas”, com a superação da alienação, separando o trabalho da concepção de si mesmo. Marx elabora então, sua tese sobre a união do ensino com o trabalho. A partir dos 9 anos de idade, toda criança deve se tornar um operário produtivo e todo adulto deve, segundo a ordem natural das coisas, “trabalhar não apenas com o cérebro, mas também com as mãos”. Ele propõe subdividir as crianças, para fins de trabalho, em três grupos – dos 9 aos 12, dos 13 aos 15 e dos 16 aos 17 anos – com horários diários, respectivamente, de 2, 4 e 6 horas e de acordo com a capacidade de esforço físico de cada faixa etária, principalmente, sem oferecer-lhes qualquer risco.

“Com a divisão das crianças e dos adolescentes dos 9 aos 17 anos em três classes deveria estar vinculado um programa gradual e progressivo de ensino intelectual, físico e tecnológico... A união do trabalho produtivo remunerado, ensino intelectual, exercício físico e adestramento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias”. (Marx; Engels, 1962, p.192-5)

Esse documento esclarece perfeitamente os elementos da abolição da atual forma do trabalho das crianças na fábrica e da união do ensino com o trabalho produtivo. Marx articula o ensino em três momentos intelectual, físico, e tecnológico, sendo possível observar a relação entre o ensino tecnológico e a formação intelectual, um não absorve e nem substitui o outro, mas abrangem omnilateralmente¹ os fundamentos científicos de todos os processos de produção e os aspectos práticos de todos os ofícios.

Vale ressaltar que esse modo de ensino não é voltado apenas ao interesse da classe operária, mas para todas as crianças, qualquer que seja a classe a que pertençam.

Diferentemente dos modos de trabalho do artesanato e da manufatura, a base técnica da grande indústria é revolucionária, isto é “a moderníssima ciência da tecnologia”, a qual abandona rapidamente as formas dos processos de produção, o que leva a variações no trabalho e por consequência, mobilidade (o operário precisa se desloca para outros lugares de trabalho). Isso se perpetua através da divisão do trabalho nas fábricas; nela o operário se torna cada vez mais parcial, cada vez mais superficial, ficando exposto a perder toda oportunidade. Marx conclui dizendo:

“Um elemento desse processo de subversão, desenvolvido espontaneamente sobre a base da grande indústria, são as escolas politécnicas e de agronomia, um outro elemento são as “écoles d’enseignement professionnel”, nas quais os filhos dos operários recebem algum ensino de tecnologia e do manejo prático dos diferentes instrumentos de produção. Se a legislação sobre as fábricas, que é a primeira concessão arrancada, com muito esforço, do capital, combina com o trabalho de fábrica apenas o ensino elementar, não há dúvida de que a inevitável conquista do poder político por parte da classe operária conquistará também lugar nas escolas dos operários para o ensino tecnológico teórico e prático”. (Marx apud MANACORDA, 1991. p. 46)

Assim sendo, a condição para colocar em prática a escola do futuro é da transformação da razão social em poder político. O ensino e o trabalho se relacionam através de suas confluências, as quais estão diretamente ligadas à questão da valorização dos saberes do indivíduo. Quando o sujeito percebe a importância do seu conhecimento sobre o plano social, ele se torna construtor da sua própria história, sua cultura e cidadania. É a partir da interação entre a educação e o trabalho que surge a verdadeira formação em economia solidária.

¹Se refere a uma formação humana totalmente oposta à formação unilateral provocada pelo trabalho alienado, pela divisão social do trabalho, pela retificação, enfim, pelas relações burguesas.

1.2. A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO

As questões levantadas até aqui reuniram um conjunto de elementos e princípios sobre a educação e o trabalho como práxis da solidariedade. No entanto, a economia solidária não se resume, somente, a esse aspecto. Existe um conjunto de características que passaram a fazer parte da natureza de um empreendimento de Economia Solidária.

São elas: **solidariedade**, **cooperação**, **autogestão** e **viabilidade econômica**. Cada uma delas possui um conjunto de significados: A **solidariedade** permite que todos tenham a mesma importância, responsabilidades, deveres e direitos, respeitando às questões étnico-raciais e de gênero e gerando possibilidades de articulação com outros espaços de Economia Solidária. Com a **cooperação** todos participam das decisões nas assembleias, existe o apoio e a colaboração no empreendimento e, principalmente, a presença do trabalho coletivo com objetivos e resultados comuns. A **autogestão** não cria hierarquização do trabalho, não existem empregados e patrão: todos são donos. Todos têm o direito e o dever de dar sua opinião e seu voto e a valorização do saber de cada ente é essencial. Por fim, a **viabilidade econômica** busca a realização do trabalho ético e renda justa, mantém o compromisso com o desenvolvimento local e sustentável e a prática do exercício do consumo solidário.

Os empreendimentos de economia solidária são aqueles que, de forma geral, apresentam as características acima listadas como princípios estruturantes das suas relações sociais. Entre os quais, estão projetos produtivos coletivos, cooperativas populares, cooperativas de coleta e reciclagem de materiais recicláveis, redes de produção, comercialização e consumo, instituições financeiras voltadas para empreendimentos populares solidários, empresas autogestionárias, cooperativas de agricultura familiar e agroecologia, cooperativas de prestação de serviços, entre outras; cujos trabalhadores associados podem ser tanto de regiões urbanas quanto rurais, cooperando em todos os âmbitos para o seu funcionamento.

Os campos de funcionamento para os empreendimentos de economia solidária vão desde a produção de bens, a prestação de serviços, fundos de crédito (cooperativas de crédito e os fundos relativos populares administrados pelos próprios trabalhadores),

a comercialização (compra, venda e troca de bens, produtos e serviços) e o consumo solidário. Segundo Singer (2003), a economia solidária constitui um modo de produção alternativo ao capitalismo, criado e recriado pelos que estão à margem do mercado de trabalho. Isso faz com que a economia solidária assuma um papel diferenciado diante da economia meramente mercantil, reconhecendo o espaço econômico como essencialmente social e histórico regido pelo princípio da solidariedade.

Traz uma transformação da ética social, através da ampliação do espaço democrático, a correlação das questões econômicas e questões sociais, e a restauração dos vínculos sociais. A economia solidária pode ainda, ampliar a visão do trabalho não somente como gerador de mercadorias, mas de sociabilidade e identidades sociais reconhecidas positivamente. A partir daí constitui-se uma alternativa crítica à sociedade capitalista. Enquanto o capital possui práticas sociais e ambientalmente predatórias, baseadas na exploração, exclusão e acumulação, a economia solidária se baseia nos princípios da solidariedade, sustentabilidade e inclusão. Dessa forma, obedece a padrões sociais, ecológicos, políticos e tecnológicos, mais justos e igualitários que o capitalismo (FARIA, 2005).

A economia solidária avança no processo de democratização do trabalho, pois transforma os trabalhadores em proprietários coletivos dos meios de produção, valorizando as relações de trabalho e da propriedade, o que possibilita uma transformação das relações sociais.

Enquanto o método utilizado pelo capital socializa a produção, mas não distribui de forma justa os bens de produção, a economia solidária está centrada no trabalhador e não no capital e procura edificar um modo de produção fundamentado na solidariedade. Em um empreendimento solidário os associados não recebem salário, mas sim retiradas que variam conforme a receita obtida pelo grupo.

As práticas de economia solidária envolvem segmentos heterogêneos de trabalhadores, que são marcadas pela diversidade na divisão sociotécnica do trabalho. Vemos trabalhadores em situações de alta vulnerabilidade social, com baixa ou nenhuma escolarização e que nunca foram incluídos pelo mercado de trabalho formalizado. E outros com alto nível de escolarização, qualificação e que já estiveram inseridos no mercado de trabalho formal. Assim sendo, uma prática voltada para as relações de igualdade entre os entes que a ela se associam.

É preciso reconhecer que o desenvolvimento da economia solidária sofre de algumas debilidades devido ao grande número de empreendimentos econômicos solidários que atuam isoladamente em mercados dominados por empresas capitalistas, com pouco ou nenhum acesso a crédito e a redes de comercialização e assessoria tecnológica (SINGER, 2003), o que faz com que alguns acabem por adotar posturas semelhantes a do capital para sobreviver, tais como a hierarquização de trabalhadores e a contratação de empregados não associados. Outro empecilho para o desenvolvimento dos ideais solidários é a falta de apoio trabalhista a que estão expostos alguns de seus trabalhadores. Ao afastar-se dos ideais do emprego formal, os trabalhadores associados podem ficar fora do alcance dos direitos sociais concedidos no âmbito do trabalho.

No entanto, não se pode negar que os empreendimentos de economia solidária propõem alterações positivas na qualidade das condições e relações de trabalho, convertendo-se em experiências principalmente educativas. Nas palavras de Souza (2003, p.10):

Essas iniciativas parecem transformadoras de mentalidades. Os relatos indicam que nos empreendimentos solidários vêm ocorrendo outros ganhos, diferentes do econômico em si, tais como autoestima, identificação com o trabalho e com o grupo produtivo, companheirismo, além de uma noção crescente de autonomia e dos direitos dos cidadãos. (Souza, 2003, p.10)

Deste modo, mesmo que recaia sobre os empreendimentos de economia solidária um peso econômico, sua prática possui um grandioso significado cultural, que aponta para um modelo oposto à lógica capitalista, pois é fundamentalmente coletivista e solidário.

1.3. EDUCAR PARA COOPERAR: A PEDAGOGIA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

O que foi levantado neste trabalho até então, remete a uma lógica de economia solidária que se baseia na solidariedade e no pensar coletivo, características que nos levam a uma práxis pedagógica. A economia solidária está ligada a educação a partir dos três pilares básicos que a regem: a gestão, que precisa ser essencialmente solidária e democrática; o currículo, como forma de trabalhar o conteúdo através da prática e da apropriação do conhecimento de acordo com a vivência; e finalmente na relação professor-aluno, através da interação solidária entre os saberes de professor e aluno.

Para que se torne possível uma educação na perspectiva de economia solidária, é preciso entender o princípio da cooperação: o trabalhar em conjunto com o outro.

As práticas de economia solidária envolvem uma mudança cultura que só a formação pode estabelecer (GADOTTI, 2009). Assim, a economia solidária está fortemente ligada à necessidade de uma formação cultural que só é possível a partir de uma mudança de valores e princípios relacionados à sustentabilidade. Não está ligada somente ao fator econômico, mas também a valores culturais e práticas solidárias.

A economia solidária como ação cooperativa é capaz de desenvolver uma experiência educativa singular. A educação para a cooperação e para autogestão é necessária para a formação dos associados a um empreendimento de economia solidária e leva a compreender e administrar adequadamente as questões que o envolvem. Não é possível fazer parte de uma ação cooperativa com uma mentalidade capitalista, pois seria o mesmo que dar continuidade a lógica do capital:

A prática da economia solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas (...). Trata-se de uma grande variedade de práticas de ajuda mútua e de tomadas coletivas de decisão cuja vivência é indispensável para que os agentes possam aprender o que deles se espera e o que devem esperar dos outros. (Singer, 2005. P.16)

Nesse contexto, podemos perceber a economia solidária como práxis pedagógica. Gadotti diz que justamente porque “a economia solidária é um ato

pedagógico” (Singer, 2005) devemos construir uma pedagogia da economia solidária. A pedagogia tradicionalista não enxerga a riqueza presente nessa nova realidade econômico-política que se constrói no mundo de hoje. O ensino da autogestão deve acontecer pela prática. Não existe um “curso” de autogestão o qual podemos ensinar seus princípios, mas construída a partir da vivência, em conjunto com o outro.

O mercado capitalista é completamente diferente do mercado solidário.

Paul Singer (2005) diz que “o mercado existiu bem antes do capitalismo e continuará existindo depois do capitalismo”. O mercado em si, não é avesso à economia solidária. Gadotti fala sobre essa questão, e evidencia algo comumente associado à noção de mercado: a competitividade. Apesar do aspecto negativo que o competir trás consigo, existe ainda a possibilidade de uma boa competição. A competição entre partidos políticos numa democracia, entre saberes científicos, filosóficos e ideológicos durante uma conversa, são fundamentais para expressar a liberdade de pensamento.

Existe uma competição insolidária, destrutiva, e uma competição solidária, construtiva (GADOTTI, 2009). Entretanto, em economia solidária é preciso valorizar o que nos une e não o que nos divide. Como coloca Luigi Verardo:

A economia solidária é avessa à concorrência no interior do seu próprio campo de atuação. Neste sentido, a competição entre empreendimentos ou entre entidades promotoras (acessórias, consultoria e fomentos) não só não constrói a economia solidária como, simplesmente, a destrói em seu alicerce e em seus próprios fundamentos. (Verardo, 2005, p.124)

Gadotti completa sua tese afirmando que “a economia solidária é um embrião de uma nova sociedade, antagônica ao modo de produção capitalista”. Em busca de uma análise que não se prenda somente ao modelo econômico, a economia solidária precisa gerar uma formação política, que integre sua base pedagógica com seu componente econômico fundamental.

É através desta formação que os trabalhadores fortaleceram sua luta por autonomia, direitos e cidadania. A proposta que surge com a economia solidária é de um modo de vida sustentável, que consegue concretizar a utopia socialista de uma sociedade onde todos são iguais e diferentes, contrária a economia capitalista. E não é preciso esperar para que isso aconteça. Um exemplo colocado por Gadotti, que vale

ressaltar aqui, é o do Orçamento Participativo iniciado em Porto Alegre no ano de 1989 na gestão de Olívio Dutra, que serviu como exemplo para todo o mundo, da implementação de uma economia socialista numa sociedade predominantemente capitalista. Deve ser uma alternativa à economia capitalista que sobressaia a própria lógica do capital, em todos os campos, principalmente no campo social.

A economia solidária não é possível sem uma cultura solidária. É preciso que as pessoas reconheçam que este é o melhor caminho para si e para todos e todas:

As pessoas passam a ser estimuladas a cultivar, entre elas, relações de reciprocidade, de respeito, de busca de entendimento, procurando conjugar igualdade de direitos e deveres às diferenças, aos traços peculiares de cada qual. Combinar adequadamente diferenças individuais e igualdade de direitos e deveres é um dos principais segredos da cultura solidária e é, também, um dos principais desafios da formação na economia solidária. (Oliveira, 2005. p.37)

Para uma cultura da solidariedade é necessário, sobretudo, uma formação para a sensibilidade. Somente quando nos tornamos sensibilizados pelo outro, para o novo e para a diversidade é que conquistamos o pensar solidário. É a partir daí surge outra dimensão da educação solidária, a diversidade cultural. Esta, diz respeito à valorização da cultura do outro, sem preconceitos, sem estabelecer qualquer padrão ou relação de hierarquia sobre ela. Como explicita Gadotti (grifos do autor):

O **desenvolvimento humano** é resultado de um trabalho comum, na evolução da teia da vida. Essa oportunidade de se desenvolver, o ser humano encontra na educação e na cultura. Cada indivíduo para se desenvolver necessita da colaboração do outro. Todo ser humano precisa de **alteridade**. Uma educação para a cooperação, uma educação para a solidariedade, não é apenas uma opção ética. É uma condição humana necessária para o desenvolvimento pessoal e social. (Gadotti, 2009. p.44)

Valorizar as diferenças de cada um, seus talentos, sua cultura é um dever educacional e responsabilidade social e política de todos e todas.

Somente quando nos colocamos no lugar do outro e percebemos a importância da interação entre os saberes é que entendemos o verdadeiro significado de educar para cooperar.

1.4. A AUTOGESTÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

A autogestão tem sido uma das práticas mais importantes nos campos que compõem a economia solidária. Podemos definir autogestão como práticas conjuntas em que as decisões são coletivas e compartilhadas, os interesses comuns são respeitados, a valorização do trabalho está presente, existe colaboração entre todos e o sentimento de solidariedade e aprendizagem em lidar com os conflitos.

E como podemos fazer autogestão? A pergunta é pertinente, pois não se pode simplesmente ensinar autogestão, é preciso fazê-la. Segundo Paul Singer (2002, p.10), a economia solidária é “um modo de produção cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito a liberdade individual”.

Em virtude disso a formação para a gestão não é um processo educativo que se restringe ao ensino; dirige-se ao conjunto dos associados ao empreendimento solidário, ainda que exista uma formação específica e profissional para certos campos de acordo com sua finalidade. Em um sistema autogestionário não existe hierarquia, todos participam das decisões independentemente da função que exercem no grupo.

O que define a autogestão são as relações sociais democráticas, coletivistas e igualitárias, que fazem da produção associada mais do que uma organização econômica, na medida em que se configura em um espaço privilegiado para a experimentação social e a realização de ações pedagógicas no campo político e cultural. (Xavier, 2008, p.19)

Assim, todos os membros envolvidos no empreendimento solidário são educados a uma formação coletiva do próprio empreendimento. Isso gera igualdade e solidariedade entre os entes que passam a se identificar como agentes de transformação e colaboração no grupo. A autonomia é um importante fator a ser analisado nesse contexto.

O referencial aqui usado para tratar das questões da autonomia na esfera da autogestão foi a obra “*Pedagogia como prática da liberdade*” de Paulo Freire.

A educação na visão de Freire deve realizar-se como prática da liberdade, onde a liberdade só se concretiza através de uma pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e identificar-se como o autor de sua história. É importante ressaltar o papel do ser humano neste contexto, "[...] ao contrário daquela que é a prática da dominação, implica negação ao homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens". (FREIRE, 1967)

Deste modo, percebemos o sujeito não só como ser vivente, mas como participante na sociedade, que constrói sua própria identidade e intervém no melhoramento de suas condições enquanto cidadão. Nesta percepção é que se fundamenta a ideia de Freire, ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. Para o autor, a relação homem-homem, homem-mulher, mulher-mulher, homem-mundo são indissociáveis. "Os homens se educam juntos, na transformação do mundo". (FREIRE, 1983)

Relacionado ao princípio da autogestão, o pensamento de Freire nos leva a perceber uma construção dos valores em conjunto. A economia solidária baseia-se na ajuda mútua e esse princípio pedagógico aponta uma formação para a gestão colaborativa e o trabalho em equipe.

No que diz respeito à cultura solidária, Paulo Freire também se posiciona quanto ao modo desumano e predatório o qual serve a lógica do capital, exemplificando através da história da colonização no nosso país. O modo como aconteceu nosso processo de colonização, de forma predatória e exploradora, em que o "senhor" tomava pra si um pedaço de terra e a gente que nela vivia, assim como o trabalho escravo inicialmente realizado por nativos e posteriormente pelos africanos, tirou qualquer condição necessária para o desenvolvimento de um pensamento flexível, o que é uma característica essencial para uma cultura democrática. Nossos colonizadores não tiveram a intenção de criar uma civilização, os interessava apenas a exploração comercial da terra.

"Faltou aos colonos que para cá se dirigiram, ânimo fundamental, que teria dado, possivelmente, outro sentido ao desenvolvimento de nossa colonização. Faltou-lhes *integração com a colônia*. Com a terra nova. Sua intenção preponderante era realmente a de explorá-la. A de ficar "sobre" ela. Não a de ficar nela e com ela integrados. Daí, dificilmente virem animosos de trabalhá-la. De cultivá-la". (FREIRE, 30 1967)

Freire também fala do "desamor" dos colonizadores pela terra; mesmo depois da criação de melhores condições e o surgimento de contingências que exigiriam muito mais que o simples comércio e um verdadeiro povoamento, não houve interesse algum além do empresariado, daquilo que lhes traria algum lucro. Em consequência disso nossa colonização foi em direção à condição de grande propriedade, da fazenda, do engenho.

O autor fala da preocupação em encontrar uma resposta no campo da pedagogia relacionada às condições da fase de transição brasileira. Uma resposta que levasse em conta a participação popular no desenvolvimento econômico e a inserção crítica do brasileiro no processo de democratização. Que as questões levantadas não fossem relacionadas somente aos problemas enfrentados em nossas raízes histórico-culturais, mas também com a nova posição que a democratização vinha exigindo do brasileiro. Nesta fala de Paulo Freire é possível inferir sobre a questão do processo de superação do capitalismo em economia solidária.

Como sustenta o Deputado Federal Eudes Xavier (PT), que foi o coordenador da Frente Parlamentar pela Economia Solidária, na Câmara dos Deputados do Congresso Nacional até 2010:

O processo de superação do capitalismo não será consequência de um movimento de cima para baixo, e sim a partir da construção, nas brechas do capitalismo, de novas formas de organização da produção e do trabalho que superem positivamente as contradições do capitalismo. Uma nova base econômica, cuja hegemonia seja realizada pelos(as) livres produtores(as) associados(as) de forma autogestionária, consiste num processo decisivo para a superação do capitalismo. (Xavier, 2008, p.15)

Com isso, percebemos a importância de uma estrutura baseada na autogestão, na corresponsabilidade entre os entes. É a partir daí que a economia solidária conseguirá superar a prática da cooperação forçada entre os indivíduos, presente na lógica do capital. Ela surgirá a partir da relação de cooperação entre os membros do empreendimento solidário, do trabalho em conjunto, baseado na democracia participativa.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) um empreendimento solidário é definido como “organizações de caráter associativo que realizam atividades econômicas, cujos participantes sejam trabalhadores do meio urbano

e rural e exerçam democraticamente a gestão das atividades e a alocação dos resultados”. (Decreto No. 7.358, de 17 de Novembro de 2010).

A autogestão será o momento de conquista da autonomia entre os membros do empreendimento solidário, pois através dela surgirão os ideais de comprometimento com o coletivo, de participação e valorização de todos e todas de forma igualitária e justa.

CAPÍTULO 2

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA COMUNIDADE SOL NASCENTE

Neste capítulo serão trabalhados os relatos das visitas de campo e observações participativas no projeto de Economia Solidária na comunidade de Sol Nascente.

Além dos relatos foi realizada uma entrevista com as mulheres que trabalham no projeto da comunidade Sol Nascente, em busca de uma relação de confiança e maior conhecimento sobre a realidade vivenciada por elas.

2.1. PROPOSTA PEDAGÓGICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO: O QUE SÃO OS PROJETOS

O maior Diferencial na proposta curricular do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília são os projetos. Os projetos constituem-se em atividades orientadas, de observação, de regência, de investigação, de extensão, de busca bibliográfica e tem como referencial a vida concreta das organizações onde os fatos e as situações educativas acontecem, seja em unidades escolares, seja em programas de formação nas mais diferentes organizações, espera-se que os conceitos da práxis sejam suficientemente provocadores para romper com os esquemas rígidos nos quais tende a fechar-se uma concepção disciplinar.

Segundo o Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia (2002) em todos os semestres serão atribuídos créditos a atividades em projeto, considerando que os estudantes precisam prever tais atividades na composição de sua carga de trabalho acadêmico, de sorte a evitar a dispersão e facilitar o acompanhamento pelos docentes orientadores.

Os projetos são organizados em cinco etapas: Projeto 1, Projeto 2, Projeto 3 (dividido em três fases), Projeto 4 (dividido em duas fases) e Projeto 5 (Trabalho Final de Curso).

A formação nos projetos tem como características: articular ensino, pesquisa e extensão; se desenvolver no âmbito das diferentes áreas temáticas, cada qual envolvendo uma equipe de professores; são vivenciados ao longo de oito semestres e se completa em um trabalho final de curso, podendo assumir diferentes linguagens, modalidades e formatos.

2.2. CONTEXTO DO PROJETO

O presente projeto é realizado na comunidade de Sol Nascente, localizada na região administrativa da Ceilândia, Distrito Federal. Trata-se de uma área de periferia, considerada atualmente a maior comunidade de todo o DF. A população, em sua maioria, de baixa renda vive na região a espera da regularização e aposta na conclusão desse processo como saída para a falta de urbanização. Com relação ao equipamento urbano, existem no setor, até então, um posto policial e quatro escolas públicas – das quais uma apenas faz parte da comunidade. Em Junho de 2011 os moradores de Sol Nascente fizeram uma manifestação reivindicando, entre outras coisas, coleta de lixo e iluminação pública. Entre as coisas que mais fazem falta para a população em relação à infraestrutura estão: esgoto – apenas 6% dos moradores da região têm acesso à rede de esgoto –; asfalto – 80% dos habitantes afirma que a rua onde moram não tem asfalto enquanto 90% dizem que não há nem calçadas –; sistema de água pluvial, segurança, escolas, saúde, transporte, correios, sistema de limpeza urbano, entre tantos outros.

E é na comunidade de Sol Nascente que se localiza a Escola Classe 66 de Ceilândia, onde é realizado o projeto. O Espaço para realização do projeto foi cedido pela escola e com o apoio da direção, junto a Universidade de Brasília, funciona o Projeto de Economia Solidária e Educação popular com o objetivo de oferecer uma formação de politização e oficina de costura para as mulheres da comunidade Sol Nascente através do GT (grupo de trabalho) de Economia Solidária, no qual trabalham mulheres de faixa etária entre 35 e 56 anos que confeccionam bolsas e artesanato feitos com material reciclado, a partir dos princípios da sustentabilidade.

2.3. RELATO DAS VISITAS DE CAMPO

Uma das etapas que compõem o método de pesquisa-ação é a observação participativa. É fundamental para a realização de uma pesquisa completa, pois através da participação nos tornamos também entes do grupo. Segundo Gil:

[...]consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí porque se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento. (GIL, 2010, p. 103)

As visitas foram realizadas durante três semestres (do 2/2012 ao 2/2013) e trouxeram, além do conhecimento sobre o grupo, uma experiência enriquecedora que me permitiu vivenciar a interação da educação e o trabalho em uma economia solidária.

Início do Projeto – 2º Semestre de 2012

Participei dos trabalhos realizados no GT Sol Nascente desde o primeiro momento, no 2º semestre de 2012. No início do projeto, em Julho de 2012, o trabalho realizado contava com a participação de 10 mulheres (as mais frequentes), cinco bolsistas do ensino médio, dois alunos de projeto da faculdade de educação da UnB e dois coordenadores que vivem na comunidade Sol Nascente, Marcílio e Valmir. Os indicadores de autogestão sugeriam que as principais decisões tomadas partiam somente dos dois coordenadores responsáveis, sem participação efetiva das mulheres o que gerou uma condição de desigualdade muito grande.

O nível de participação era satisfatório, mas começou a diminuir no decorrer do projeto. Faltavam máquinas para a quantidade de pessoas que ali trabalhavam – apenas duas – forçando um revezamento que gerava desmotivação, um grande motivo da evasão. Enquanto o PAC cuidava da obtenção de maquinário para realização do trabalho de corte e costura, o projeto proposto pelo grupo no GT de Sol Nascente tinha

como objetivo fazer uma oficina de “formação em Economia Solidária” – antes que as máquinas chegassem – com duração de 10 encontros.

Esse assunto foi discutido nas reuniões, mas sem a presença das principais interessadas: as mulheres. O curso começou bem, mas houve a saída de alguns membros do projeto, conflito entre coordenadores e organizadores e o trabalho realizado parecia desandar. Continuamos envolvidos com o projeto, apesar dos pesares, e resolvemos continuar a visita à comunidade, mesmo que não tivéssemos certeza de como tudo seria resolvido.

Ao final da fase inicial do projeto pudemos chegar a algumas conclusões.

Quanto à análise socioeconômica, a comunidade de Sol Nascente possui cerca 100 mil habitantes. Existem várias lideranças políticas na região, mas poucas comunitárias. Os principais problemas em relação ao projeto são quanto ao espaço para oficina de costura que ainda é muito pequeno – na sala de recursos da escola com materiais dos alunos do ensino regular – e falta de formação para gestão colaborativa.

A partir daí, as proposições de melhora para o grupo foram: trabalhar a formação política junto com o trabalho; pensar em soluções para a evasão dos participantes do projeto; construir um fórum de entidades; e certificação dos cursos oferecidos para as mulheres.

Momento de mudanças – 1º e 2º Semestre de 2013

O início do trabalho realizado no GT Sol Nascente no 1º semestre de 2013 já demonstrava mudanças em relação ao que tínhamos visto, presenciado e vivenciado no semestre anterior. Foi feito um planejamento acerca dos materiais utilizados para a realização do trabalho com a confecção das bolsas e um levantamento de informações sobre as mulheres que faziam parte do grupo, buscando a formação de identidade coletiva. A professora orientadora, os estudantes que fazem parte do projeto, os coordenadores, o grupo de mulheres e a comunidade começavam a criar uma identidade coletiva, trabalhando todos em prol do grupo. O número de mulheres interessadas em fazer parte do projeto aumentou. Os recursos necessários para realização do trabalho começaram a chegar e o grupo cresceu.

Cerca de 30 alunos da UnB trabalhavam no projeto, entre eles alunos de outros cursos, tais como contabilidade, engenharia, desenho industrial, entre outros.

A transdisciplinaridade começou a fazer parte do projeto, que segundo Iribarry “para que a configuração transdisciplinar seja alcançada é preciso que esses profissionais, fundamentalmente, estejam reciprocamente situados em sua área de origem e na área de cada um dos colegas” (IRIBARRY, 2002).

Com o crescimento e fortalecimento do grupo foi feita uma subdivisão do GT em três grupos: GT de corte e costura (com o grupo de mulheres que faz parte do projeto desde o início), GT das crianças (filhos e filhas das mulheres que fazem parte do GT de corte e costura) e GT de reciclagem (extinto posteriormente por falta de estrutura).

A interação do trabalho realizado pelos alunos da Faculdade de Educação junto aos colegas de outras áreas de conhecimento, futuros engenheiros, contadores, ajudou a organizar e sistematizar o trabalho que contou, inclusive, com cursos práticos de corte e costura oferecido às mulheres da comunidade Sol Nascente pelo SEBRAE. Foram criados catálogos e até uma produção de coleção das bolsas confeccionadas no GT de corte e costura. Surgiram muitas oportunidades de mobilização do grupo, principalmente através da realização de atividades com a comunidade tais como bazar, festa de fim de ano para arrecadação de recursos para o projeto (almoço com galinhada), divulgação do trabalho das mulheres nas redes sociais e cartões de visita.

O projeto começou a tomar forma e trazer a verdadeira identidade do trabalho coletivo. A implementação de soluções de gestão coletivas, democráticas e autogestionárias começaram a surgir e os essenciais de dádiva e estruturas de ação solidária passaram a ser vivenciados pelo grupo.

2.4. MULHERES DO SOL: RELATO DAS MULHERES DO GRUPO DE TRABALHO DE CORTE E COSTURA NA COMUNIDADE SOL NASCENTE

Visando compreender as características que viabilizam a prática do movimento de Economia Solidária foi realizada uma entrevista com as mulheres que participam do grupo de trabalho de corte e costura da comunidade de Sol Nascente. A solidariedade parte do princípio de que todos têm a mesma importância, responsabilidades, deveres e direitos. E para que isso aconteça é necessário confiança. Gadotti nos fala sobre isso:

A economia solidária baseia-se na ajuda mútua e esse princípio pedagógico da reciprocidade e da igualdade de condições – exigência de todo diálogo verdadeiro – entre educador e educando, deve ser levado em conta, sobretudo na formação em economia solidária. Os pobres sabem o que isso significa: eu ajudo hoje e sei que amanhã, se precisar de ajuda, posso contar com ela. Isso é confiar. Isso é reciprocidade e igualdade de condições. (Gadotti, 2009, p.36-37)

A entrevista com as mulheres foi realizada de modo bem informal. Uma roda de conversa foi formada na sala de trabalho das costureiras enquanto contávamos nossas histórias, a fim de criar uma relação de confiança entre os entes do grupo.

Foram entrevistadas mulheres são, em sua maioria, moradoras da comunidade Sol Nascente, de faixa etária entre 35 e 56 anos. Elas possuem outras fontes de renda além do trabalho realizado junto ao projeto de Economia Solidária. São pessoas simples, mas com talentos incríveis e os demonstram muito bem nos materiais que confeccionam na oficina de corte e costura.

Durante a entrevista um momento muito importante foi o relato das memórias.

As mulheres contaram sobre sua história, desde a infância até a inserção no mercado de trabalho. Todas são migrantes vindas, especialmente, das regiões Norte e Nordeste do país. A maioria delas precisou trabalhar desde criança para auxiliar nas despesas da família, o que influenciou a defasagem no processo escolar.

A falta de uma presença paterna em casa também é algo comum na história dessas mulheres. O modelo a ser seguido em casa – para a maioria delas – sempre foi o

de mãe e mulher trabalhadora, o que me fez lembrar a minha própria história. Então, contei a elas sobre as dificuldades que enfrentei e o quanto isso me tornou forte e decidida para escrever minha história.

Na comunidade Sol Nascente essas mulheres começaram a reescrever sua história. Conquistaram um novo lar, trabalho e educação e as consequências vieram através do reconhecimento da alteridade, da valorização das experiências vividas, do pertencimento, enfim. A criação de uma identidade que permitiu a elas escrever sua própria jornada.

As mulheres emergem como alteridade feminina, sociocultural e política, passam a estar presente, reconhecidamente, nas arenas da vida cotidiana, onde se redefinem com base na cultura, na história, nas relações de trabalho e nas formas de inserção no mundo político, portanto, em um novo campo de possibilidades para estabelecer convenções capazes de vencer a sua condição de desigualdade. (BANDEIRA, 2005).

A igualdade de gênero no mundo do trabalho é essencial e o resultado mais imediato disso é uma divisão mais justa e igualitária de tarefas e responsabilidades na vida social.

Com a realização da entrevista foi possível constatar três fatores importantes: o primeiro refere-se à visão que as mulheres têm sobre o projeto. O trabalho realizado não é visto como uma fonte estável de renda, pois a grande maioria pode contar com a renda do cônjuge como principal para as despesas da família, bem como outras fontes de renda.

O segundo diz respeito à participação das mulheres na gestão do projeto. Apesar de terem suas opiniões levadas em conta na realização do trabalho, as questões políticas do projeto são decididas pelos coordenadores e poucas vezes recebem alguma referência do que as mulheres realmente estão vivenciando no projeto.

Por último, a mobilização na comunidade ainda é pouca. Essa é uma questão que tem melhorado muito desde o início do projeto, mas é possível perceber que os outros dois fatores analisados são de forte influência para o problema enfrentado com a mobilização.

É o que nos fala Angela Schwengber, representante da Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária, de respeito às diferenças para se alcançar a universalidade:

[a economia solidária] é uma política diversa e plural, porque diverso e plural é o movimento de economia solidária no Brasil e isso precisa ser respeitado na hora de pensarmos nas políticas públicas para que não tenhamos tendência natural dos sistemas de uniformizar o diferente, de eliminar as diferenças (MTE, 2006f, p.53).

2.5. ANÁLISE DAS AÇÕES DE CAMPO

A partir das experiências vivenciadas na comunidade de Sol Nascente no trabalho realizado no GT das mulheres que trabalham com corte e costura foi possível perceber que ainda existe ausência de alguns fatores fundamentais para o desenvolvimento pleno de uma economia solidária.

No que diz respeito aos valores de cooperação e solidariedade, existe uma colaboração muito grande de todas e todos os envolvidos, mas em relação à autogestão o grupo ainda tem muito que avançar, pois o trabalho é visto simplesmente como uma fonte extra de renda. Não é realizado de modo democrático, sendo que os coordenadores tomam as principais decisões à frente do grupo, desvincilhados da visão do restante dos associados. Mesmo que haja uma forte interação e preocupação social, é preciso que o trabalho seja visto como solução e não como opção para que haja um empreendimento solidário mais justo. Se a união já é um fator presente no grupo o que falta agora é uma melhor organização, a partir da formação de uma gestão solidária, que só será possível com a prática da valorização de todos e todas.

Como foi dito até aqui, a Economia Solidária é fundamentada nos pilares da cooperação, solidariedade, autogestão/autonomia, confiança, ética, sustentabilidade, proteção ao meio ambiente e igualdade nas relações de produção e consumo.

Não se trata de utopia, tampouco é impossível de ser realizado, já faz parte da vida de muitas pessoas funcionando ativa e efetivamente através de uma transformação pela qual o mundo e todos os seus habitantes estão passando. A Economia Solidária é a

busca incessante por melhores condições de vida através da construção coletiva, do empoderamento e da distribuição justa de riquezas. Não só no que diz respeito à riqueza material, mas a riqueza do ser, orientada pela ajuda mútua, uma lógica da reciprocidade e da igualdade de condições, diferentemente do individualismo e consumismo apregoados pelo capitalismo. Acontece a partir da valorização dos saberes, das relações de respeito e amorosidade entre os entes, no trabalho, na comunidade, ao consumir, comercializar e trocar.

O princípio da troca é inerente à vida, acontece desde o nascimento até nosso último momento neste mundo.

O valor de troca aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço. O valor de troca parece, portanto, algo casual e puramente relativo; um valor de troca imanente, intrínseco à mercadoria (MARX, 1988, p.46)

Por isso, a economia solidária torna-se uma prática do bem viver, da sensibilidade com o outro, reconhecendo a importância dos talentos e saberes de todos e todas para percebermos que juntos somos mais fortes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Economia Solidária é uma nova forma de se organizar a economia, o convívio social e as relações de produção. As redes solidárias são essenciais em uma economia solidária, pois integram produtores e consumidores em uma mesma estrutura, organizando a ação coletiva, ampliando o conhecimento de todos e promovendo um ciclo virtuoso, pois o excedente de renda gerada é investido na ampliação e criação de novos empreendimentos.

O trabalho realizado no GT de Sol Nascente tem praticado e vivenciado todo esse processo, desde a organização e o convívio social até a produção e geração de renda. Ao ampliarmos o consumo solidário, através dos grupos de trabalho, somos responsáveis pelo fortalecimento da Economia Solidária nessas comunidades e contribuímos para o enfraquecimento da exploração capitalista.

Cada um do grupo é igualmente responsável por promover a transformação desta sociedade de classes, em uma sociedade mais igualitária e deste processo produtivo que explora a maioria e favorece poucos, em um processo melhor e mais justo.

Tudo isso pode ser vivenciado a partir das experiências no grupo de trabalho da comunidade Sol Nascente. A relação entre educação e trabalho nas perspectivas da economia solidária funciona a partir da valorização do trabalho coletivo e da solidariedade.

Depende de nós, sujeitos sociais que somos, construir uma melhor realidade para todos, uma nova história, onde cada ser humano seja respeitado e tenha condições de viver com dignidade.

PARTE III
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília me proporcionou oportunidades imensuráveis. Ao longo desses quatro anos e meio meu aprendizado, tanto teórico e prático quanto pessoal foi simplesmente enriquecedor. Hoje, termino minha graduação satisfeita e, principalmente, realizada. Eu me tornei uma pessoa mais madura, certa de minhas decisões, direitos e deveres e ciente da ação transformadora que a educação trás para nossas vidas.

Ao concluir o curso pretendo me mudar para São Paulo com a minha filha, onde meu marido reside atualmente. Penso em continuar na área de educação, sobretudo no que diz respeito à educação popular e espero ingressar no mestrado em busca de um maior conhecimento e aprimoramento da minha prática pedagógica.

Desejo também conhecer o máximo que puder desse país tão maravilhoso que é o meu Brasil. Já viajei por muitos lugares e ainda tenho uma imensidão de coisas para aprender sobre nossa diversidade cultural que é tão rica e bela.

Tenho alguns planos em longo prazo com relação a especializações no exterior, pois é algo simplesmente enriquecedor aprender sobre diferentes culturas e modos de vida. Penso em lugares como Uruguai, Costa Rica, Tailândia, mas independente do destino o importante é estar aberto a novos conhecimentos e valorizar os saberes do outro.

Por fim, eu não poderia escolher melhor momento em minha vida para concluir minha graduação. Estou imensamente feliz com tudo que conquistei até aqui e sei que isso não é o fim, mas sim um novo começo. Sinto-me honrada e orgulhosa por ter a oportunidade de fazer o que amo e de retribuir todo aprendizado adquirido através da minha prática como educadora.

“Quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. (Paulo Freire, Pedagogia da autonomia, p. 160).

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira. **A Pobreza e as Políticas de Gênero no Brasil**. Série Mujer e Desarrollo. Nº. 66. Cepal, 2005.
- BARTUNEK, J.M. & SEO, M. *Qualitative Research can add new meanings to quantitative research*. Journal of Behavior, v. 23, n.2, mar., 2002.
- FARIA, Maurício Sardá. **Autogestão, Cooperativa, Economia Solidária: avatares do trabalho e do capital**. Florianópolis, UFSC, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.
- GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010. 200p.
- IRIBARRY, I. N. (2002). **O Diagnóstico Transdisciplinar como dispositivo para o trabalho de inclusão**. In: C. R. Batista & C. Bosa (Orgs.), *Autismo e educação: Reflexões e proposta de intervenção* (pp. 73-91). Porto Alegre: Artmed.
- MANACORDA, Mário. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, Autores associados, 1991.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1988. (Volume I)
- MORIN, Edgar (1999). **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EDUFRN.
- MTE. 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária. **Economia Solidária como Estratégia e política de Desenvolvimento**. ANAIS. Brasília, **MTE/SENAES**, 2006f.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Trion, São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, Paulo de Salles, 2005. Cultura solidária, um aprendizado sem fim. In: MELLO, Sylvia Leser de. (org). **Economia solidária e autogestão: encontros internacionais**. São Paulo: Nesol/USP.

SINGER, Paul. **A SENAES no Ministério do Trabalho e Emprego**. S/D. [mimeo.]

SINGER, Paul, 2002. **Introdução à Economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

SINGER, Paul, 2005a. Introdução. In: MELLO, Sylvia Leser de (org.). **Economia Solidária e autogestão: encontros internacionais**. São Paulo: Nesol/USP, p.11-13.

SOUZA, André Ricardo. Um Instantâneo da Economia Solidária no Brasil. In: SINGER, P; SOUZA, A. R. **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p.443-466, set./dez. 2005.

VERARDO, Luigi, 2005. Construindo autogestão e parceria solidária. In: MELLO, Sylvia Leser de (org.). **Economia solidária e autogestão: encontros internacionais**. São Paulo: Nesol/USP.

XAVIER, Eudes, 2008. **Economia solidária no Brasil: uma outra economia acontece**. Brasília: Câmara dos Deputados.

APÊNDICE

Entrevista realizada com as mulheres do grupo de trabalho de Sol Nascente

Obs.: Os nomes divulgados nesta entrevista são ficcionais buscando manter sob sigilo as informações das participantes.

Nome: Mariah

Data de nascimento: 05/06/1967

Lugar onde nasceu: Parnaíba, Piauí

Relato de memórias:

“Fui criada com a minha mãe. Meu pai era alcoólatra, eu e os meus irmãos tínhamos que nos esconder porque muitas vezes, nos momentos de raiva, ele saía atrás de nós com a espingarda. Para fugir disso, eu ia pescar com a minha mãe e os meus irmãos. Sofria muito com essa situação, passava fome. Com 7 anos, viemos para Goiânia, eu minha mãe e meus irmãos. Tenho 6 irmãos. Moramos nas ruas por muito tempo. Aos 10 anos minha mãe descobriu uma invasão e nos mudamos pra lá; também passamos muita dificuldade. Com 13 anos fui trabalhar em casa de família, como doméstica. Comecei a estudar com 14 anos, em Goiânia, fiz até a 4 série. Terminei o fundamental quando me mudei para Brasília, e estou em Sol Nascente desde que cheguei, há 23 anos. Depois de adulta me casei e tive 3 filhos. Também cuido de uma menina como se fosse minha filha. Meu marido comprou uma máquina de costura pra mim, mas nunca tinha me interessado por costura antes. Comecei a me interessar por artesanato ainda em Goiânia e desde então procurei aprender sobre o ofício. Tenho um irmão que faz artesanato”.

Qual é a sua fonte de renda atual?

Tenho três lotes que alugo e o meu esposo trabalha na Secretaria de Educação. Todos os meus filhos estudam no nível superior.

Quais são suas habilidades profissionais?

Gosto de fazer enfeites e quero aprender a costurar. Gosto muito de trabalhos manuais.

Quais os motivos/meios que a levaram ao projeto?

Eu me interessei pelo projeto, através dos recicláveis.

Nome: Célia

Data de nascimento: 07/05/1979

Lugar onde nasceu: Teresina/Piauí

Relato de memórias:

“Tive uma infância muito boa, estudava e brincava. Tenho seis irmãos. Terminei os estudos em Teresina (ensino fundamental), e vim para Brasília entre os 17/18 anos, não tenho muita certeza exatamente. Aprendi a costurar com o meu marido. Aprendi a fazer fuxico, vagonite e trabalhos com EVA. Tenho três filhos, duas meninas e um menino. Sinto muita falta dos meus pais que ficaram no Piauí. Já trabalhei em supermercado e em escritório”.

Qual é a sua fonte de renda atual?

Minha fonte de renda é provida por meu marido.

Quais são suas habilidades profissionais?

Sei fazer fuxico, vagonite e trabalhos com EVA.

Quais os motivos/meios que a levaram ao projeto?

Comecei no projeto com o meu marido (Marcilio, um dos coordenadores do GT).

Nome: Luci

Data de nascimento: 16/11/1958

Lugar onde nasceu: Codó/ Maranhão

Relato de memórias:

“Minha família é grande, ao todo somos em 11 irmãos. Minha mãe costurava de noite e cuidava dos filhos de dia. Aprendi a costurar com ela, aos 10 anos. Tinha um sonho de ser atriz e fiz curso. Estudei até o segundo ano do Ensino Médio, mas parei sem concluir. Saí de casa para trabalhar no circo e lá trabalhei como dançarina durante um ano, dos 17 aos 18 anos. Casei, me separei e vim morar em Brasília. Cheguei em 1980, com uma prima, e comecei a trabalhar com costura. Concluí meus estudos aqui. Morei com minha prima no Lago Norte e quando me casei pela segunda vez fui morar no Recanto das Emas. Me separei novamente e vim morar em Sol Nascente. Tenho uma filha e quatro netas. Meu sonho é montar um negócio como costureira e fiz curso profissional de costura. Já trabalhei fazendo bancos e capas de carro (capotaria). Hoje, ajudo meu genro a fazer camisetas em estamparia. Nunca trabalhei com carteira assinada. Por conta de problemas de saúde tive que abandonar meu sonho como costureira, pois o médico recomendou que eu deveria parar. Mesmo assim, nunca perdi o meu amor pela costura”.

Qual é a sua fonte de renda atual?

Bolsa família

Quais são suas habilidades profissionais?

Costura de fuxico, bolsas, calças, blusas, etc.

Quais os motivos/meios que a levaram ao projeto?

Através do Valmir (um dos coordenadores do GT). Eu conhecia a irmã dele e ela me convidou para participar.

Nome: Gessi

Data de nascimento: 05/09/63

Lugar onde nasceu: Bahia (não especificou a cidade)

Relato de Memórias

“Nasci na Bahia e trabalhei desde criança. Carregava lenha na cabeça e lata de água aos nove anos de idade; hoje sinto as consequências do trabalho forçado como dor nas vistas. Estudei lá mesmo, na Bahia, terminei a quarta série. Sei ler, mas não sei escrever

muito bem e considero um pouco difícil. Mesmo com todas as dificuldades sempre estive alegre e lutando para conquistar meus objetivos. Tenho quatro filhas e quatro netos. Vim para Brasília trabalhar. Comecei como faxineira em casa de família. O emprego era incerto, não era uma renda fixa, como me vi angustiada sem emprego resolvi procurar pela administração de Samambaia, onde eu morava desde que cheguei ao DF, e consegui um ponto para trabalhar com um quiosque de lanches. Hoje o quiosque completa 13 anos. Eu me lembro de que ninguém acreditava que daria certo, mas agora tenho orgulho de tudo que conquistei”.

Quais são suas habilidades profissionais?

Gosto muito de trabalhar com decoração e aprendi a fazer artigos decorativos em oficinas de artesanato. Meu maior sonho é ser decoradora.

Qual é a sua fonte de renda atual?

Meu quiosque de lanches.

Quais os motivos/meios que a levaram ao projeto?

Duas filhas moram no sol nascente entrou dentro do colégio há 2 anos, início do projeto, para ver o que estava acontecendo e está aqui até hoje. Recebi o convite do Marcílio para inserir no projeto vem de ônibus da samambaia norte.

Nome: Irene

Data de nascimento: 29/12/1977

Lugar onde nasceu: Patu, Rio Grande do Norte

Relato de memórias:

“Trabalhei em casa de família, como diarista, no Rio Grande do Norte. Comecei a trabalhar com 10 anos de idade e trabalhava em troca de alimento e presentes. Vim para Brasília há 14 anos. Morei em uma casa onde trabalhei como doméstica e depois consegui comprar minha casa própria em Sol Nascente. Moro aqui há oito anos. Sou casada e tenho um filho. Terminei o Ensino Médio em Brasília no RN CE 03 de Ceilândia na EJA. Não trabalho com carteira assinada há mais de cinco anos. Fiz curso

no IFB de pintura de parede, artesanato com jornal e corte e costura. Trabalhei na tenda do trabalhador, como garçomete, confeitadeira e como manicure no lar dos idosos. Vendo balas na varanda de casa e faço artesanato, principalmente tapetes. Desde que vim do Rio Grande do Norte que eu não vejo a minha mãe e o meu pai eu não vejo há mais de seis anos. Sinto muita falta deles”.

Qual é a sua fonte de renda atual?

Venda de balas e doces em casa. O projeto ajuda como uma renda extra.

Quais são suas habilidades profissionais?

Artesanato e costura.

Quais os motivos/meios que a levaram ao projeto?

Conheci o projeto por meio de cartaz de divulgação na escola e participei desde o início, há dois anos.

Nome: Mari

Data de nascimento: 16/12/1969

Lugar onde nasceu: Afonso Cunha, Maranhão

Relato de memórias

“Estudei no Maranhão quando criança e depois mudei para o Piauí para casa da minha tia quando tinha doze anos. Lá, voltei a estudar do início e terminei o Ensino Médio em Brasília, numa escola de Samambaia. Apreendi a costurar observando a minha mãe. Tenho dois filhos, um menino e uma menina. Sou casada há doze anos. Meus pais e parentes moram no Maranhão e todo ano faço uma visita. Meu filho mais novo tem TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), o que dificulta a busca por emprego. Antes eu trabalhava em supermercado e deixava meu filho na creche, mas deixei de trabalhar pra poder ficar com ele. Meu marido trabalha e a renda dele é a principal em casa. Gosto muito de costurar e o trabalho no projeto tem aumentado meu interesse ainda mais”.

Qual é a sua fonte de renda atual?

A bolsa de monitoria do projeto.

Quais são suas habilidades profissionais?

Corte e costura.

Quais os motivos/meios que a levaram ao projeto?

Ouvi falar por outras mulheres que já estavam no projeto. Fui para conhecer e estou lá até hoje. O Marcilio conseguiu bolsas de monitoria para que pudesse auxiliar a renda de quem trabalhava no projeto e eu fui uma das escolhidas. Espero que o projeto cresça cada vez mais e dê bons frutos.

ANEXOS



Entrada da Escola Classe 66 de Ceilândia



Torre da Escola Classe 66 de Ceilândia



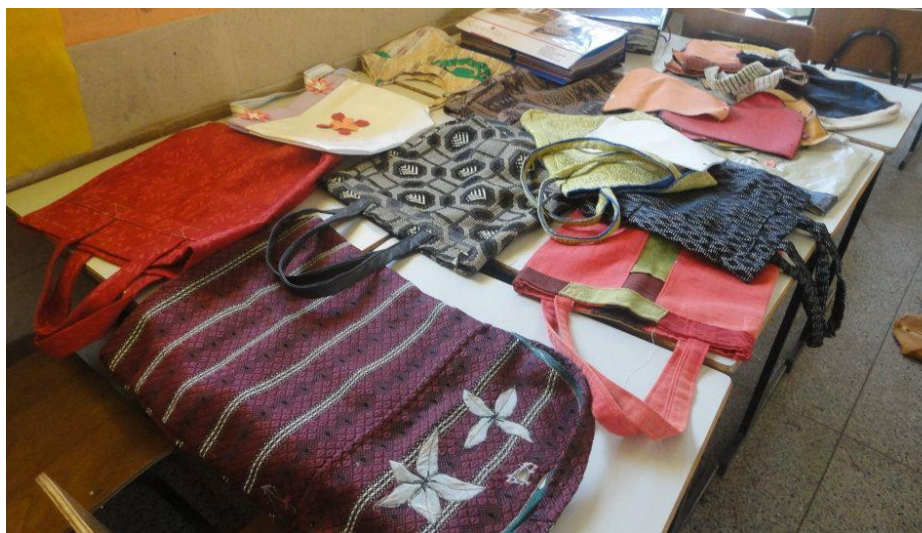
Vista panorâmica da área interna da Escola Classe 66 de Ceilândia



Mulheres trabalhando na confecção de bolsas no GT de Sol Nascente



Espaço para confecção dos materiais no GT de Sol Nascente



Bolsas confeccionadas pelas mulheres do GT de Sol Nascente



Bazar de fim de ano realizado no GT de Sol Nascente



Assembleia do GT de Sol Nascente



Bolsas feitas de garrafas pet e caixas de leite reciclados confeccionadas pelas mulheres do GT de Sol Nascente



Bolsas confeccionadas pelas mulheres do GT de Sol Nascente



Reunião dos Grupos de Trabalho na Comunidade Sol Nascente



Grupo de Trabalho com as crianças da comunidade Sol Nascente